

CONFLITO ESTADOS UNIDOS-IRAQUE: AÇÃO E SIGNIFICADO DAS REDES DE COMUNICAÇÃO NA CONFIGURAÇÃO DE NOVAS TERRITORIALIDADES ¹

Marize Damiana Moura Batista e Batista, Loaci Dias da Cruz, Rita Ney Santana Oliveira,
Ana Lúcia dos Santos Santana, Antonio Assis Santos e
Irizanet Teodósio dos Santos²

1. INTRODUÇÃO

Com o processo de globalização no contexto da revolução técnico-científico-informacional, ocorre a formação de novos territórios a partir do estabelecimento das redes, sendo estas instrumentos de poder. A rede de comunicação promove no território fluxos de informações que articulam o espaço global com o local, promovendo a assimilação e a concepção de novas idéias, que, por sua vez, podem resultar na produção de novas territorialidades.

O presente texto tem por finalidade discutir e analisar o conflito Estados Unidos-Iraque, sob a perspectiva das redes, enquanto possibilidade de construir novas territorialidades. Nesse sentido, será necessário compreender a relação entre o papel das redes de comunicações frente às concepções construídas pelas pessoas sobre o conflito que, a nosso ver, propiciou uma situação geradora de desconstrução de antigas territorialidades e construção de novas.

Para a compreensão desse fenômeno faz-se necessário apontar a relação global/local como nível de análise do real, destacando a importância de fundamentar a discussão em conceitos como rede, territorialidade, poder e território. Como respaldo à nossa discussão conceitual, nos apoiaremos em autores como Dias (2001), Haesbaert (2002) e Souza (2001).

A forma de exposição das idéias, neste trabalho, foi feita da seguinte maneira: inicialmente, através de uma entrevista envolvendo dezessete pessoas com nível de escolaridade variando desde o ensino fundamental ao nível superior. Estas entrevistas foram realizadas no mês de abril de 2003, durante o período dos embates entre Estados Unidos e Iraque. Os achados de campo permitiram traçar o perfil dos entrevistados, identificando, a partir das falas, a compreensão do conflito que passou a fazer parte do imaginário coletivo desses indivíduos. Em seguida, cruzamos as informações do trabalho empírico com as veiculadas pela mídia, com o objetivo de constatar as possíveis semelhanças entre a opinião dos entrevistados e as mensagens veiculadas pela mídia acerca do conflito EUA e Iraque.

Continuando o desenvolvimento do trabalho, empreendemos uma breve discussão teórica, a fim de ressaltar como a apropriação da ciência, da técnica, e da informação promove uma articulação entre o mundo e o lugar, formando redes.

Em seguida, cruzamos as informações do trabalho empírico com as veiculadas pela mídia, com o objetivo de constatar algumas semelhanças entre elas acerca do conflito EUA e Iraque. Continuando o desenvolvimento do trabalho, faremos uma breve discussão teórica, a fim de ressaltar como a apropriação da ciência, da técnica e da informação promove uma articulação entre o mundo e o lugar formando redes.

Por fim, propomos uma reflexão acerca do conflito EUA e Iraque que evidencie como os agentes ligados à rede de comunicação mobilizaram idéias e imagens do real de modo a construir representações que penetram no cotidiano, capturando as emoções das pessoas e promovendo, assim, a assimilação e a interiorização de novas concepções. Dessa forma, somos levados a nos perguntar: em que medida o resultado desse processo poderá estabelecer a configuração de novas territorialidades? Nessa perspectiva, discutiremos a problemática em foco no intuito de promover uma dialogicidade sobre esta questão.

¹ Trabalho desenvolvido sob a orientação da Professora Rita Brito, da disciplina Geografia Política – DCHF/ UEFS.

² Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

2. AS REDES DE COMUNICAÇÃO

2.1. Redes de Comunicação: Instrumento de Poder

Ao analisar o conceito de território frente à dinâmica do mundo na atualidade, Souza (1995, p. 78) o aponta como “[...] fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Nesse sentido, o território é construído a partir da correlação de forças entre diferentes agentes sociais, políticos e econômicos, no qual o poder decorre das relações estabelecidas entre esses grupos. Assim, “[...] o poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido”. (ARENDDT *apud* SOUZA, 1995, p.80). Para se garantir a permanência de um determinado grupo sobre o domínio de um território, faz-se necessário estabelecerem-se mecanismos de controle e de persuasão das massas, pois estas são as reais legitimadoras do poder.

Com a globalização, intensificam-se os fluxos de mercadorias, pessoas, capital e informação. Esses fluxos, que se desenrolam a nível mundial, ocorrem a partir do estabelecimento de linhas que ligam vários pontos ou nós, nos diferentes lugares do mundo, produzindo territórios em redes. Este processo é mediatizado pela apropriação da técnica, da ciência e da informação – que se fundem para promover a conexão entre o global e o local, a fim de garantir um maior controle sobre o território.

Diante do exposto, Dias (2001, p.174), ao discutir o conceito de rede, apóia-se em Raffestin (1980), o qual afirma que “[...] a rede faz e desfaz as prisões do espaço tornado território: tanto libera como aprisiona. É porque ela é instrumento por excelência, de poder”. Dessa forma, a rede funciona como instrumento a promover a circulação e a comunicação.

A velocidade e a intensidade em que as informações são processadas, para alcançar os diferentes lugares do mundo, permitem um desencadeamento de relações – de modo a deslocar a atenção dos indivíduos para o fenômeno exibido nos diferentes veículos de comunicação, chegando a interferir no cotidiano: “[...]. As redes de telecomunicação adquirem uma potência muito maior – as distâncias se constroem e se anulam pelo fato da instantaneidade das transmissões, e as informações produzidas a cada segundo são tratadas e encaminhadas num tempo cada vez mais reduzido” (DIAS, 2001, p.142). A atuação das redes de comunicação como eficientes instrumentos de poder dinamizam as relações sociais no lugar, promovendo a formação de novas territorialidades.

Sack *apud* Haesbaert (2002, p.119) define territorialidade como a “[...] tentativa por um indivíduo ou um grupo de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica”. Assim, para se construir essa territorialidade, o grupo que se diz hegemônico desenvolve mecanismos flexíveis, assentados em formas de controle e apropriação das informações que chegam até o lugar, promovendo, entre os grupos sociais, a reelaboração e a interiorização de outras concepções, definindo então novas territorialidades.

Nesse sentido, é importante destacar que a territorialidade se efetiva com a aproximação das idéias de controle e apropriação, pois enquanto o controle está vinculado ao domínio material do espaço – pela via da dimensão econômica e política –, a apropriação simbólica, ao ser mediada por imagens e representação, revela as formas subjetivas de relações com o espaço. Podemos dizer que esta dimensão material se complementa pela via do simbolismo, elemento que dá vida ao território.

2.2. O Papel da Rede de Comunicação na Estruturação de Novas Territorialidades

A guerra não é um fato novo: podemos dizer que o tempo da guerra data do próprio tempo da humanidade. Ao longo da história as sociedades guerreiam para anexar territórios, assegurar ou ampliar o seu poder. Hoje, a maioria da conquista dos territórios não mais se dá exclusiva ou necessariamente pela posse de áreas. Em muitos casos, o controle e a apropriação são garantidos por meio da inserção de grandes empresas em diferentes lugares do mundo que se

configuram como atrativos para a produção e o consumo, sobretudo pela introdução e manipulação de sofisticados sistemas de comunicação estabelecidos em rede mundial, disseminando idéias carregadas de ideologias e prontas para serem assimiladas e consumidas.

Assim, “[...] uma rede pode ser abstrata ou concreta, invisível ou visível. A idéia básica é considerar a rede como algo que assegura a comunicação”. (RAFFESTIN, 1993, p.156), viabilizando gestões, em particular, do território.

A revolução técnico-científico-informacional possibilita à sociedade mundial o acesso à informação. Porém, da mesma forma que o aparato tecnológico permite o acesso, também assegura a sua seletividade e, em muitos casos, exerce o controle sobre o mesmo, manipulando as informações. A rede mundial de informações, ao entrar em operação, finca os seus nós, interligando vários lugares do mundo, sem necessariamente aproximar as pessoas. Ao contrário, ao se desenvolver em rede num processo de integração imposta pela informação, fragmenta os lugares, o que promove o distanciamento entre as pessoas.

Dessa forma, analisando o contexto do conflito armado entre os EUA e o Iraque, pudemos aferir como a rede de informações articulada mundialmente e com nós em vários lugares do planeta pôde assegurar, de forma controlada, que as informações chegassem até as pessoas potencialmente consumidoras desse universo ideológico. Do mesmo modo que se divulga a chegada de um novo produto no mercado, veicula-se a notícia de uma guerra. Aos olhos de quem articula a comunicação em rede para noticiar o conflito, há todo um planejamento e montagem de um produto a ser consumido mundialmente – a guerra. As imagens do caos e da destruição/ recuperação criadas por aqueles que pretendem garantir o poder são passadas como mais uma situação do cotidiano.

Com este processo, se estabelece uma ordem ao nível do global para se efetivar no local, gerando, no emaranhado das relações sociais, uma nova concepção – o que pode ser entendido como novas territorialidades – para definir um pensamento capaz de renovar e fortalecer o poder.

3. A MÍDIA E A CONCEPÇÃO SOBRE A GUERRA ENTRE OS EUA E O IRAQUE

No conjunto das entrevistas, abordamos de forma sintética neste artigo as concepções apresentadas pelas pessoas sobre a visão que tinham do conflito, se o entendiam como guerra ou invasão. A maioria das respostas emitidas indicava uma correlação considerável com as informações divulgadas pela mídia. Referindo-se à guerra, a totalidade dos entrevistados considera que a guerra não é um instrumento para conduzir à paz, enfatizando, ao contrário, o seu papel de “destruição e morte”. Observa-se que, para essas pessoas, os Estados Unidos e a Inglaterra são os países que representam maior perigo para a paz mundial, entendimento com o qual comungam quase todos os entrevistados.

Faz sentido registrar que a representação construída pelas pessoas acerca do conflito EUA e Iraque esteve sempre vinculada às idéias de “invasão”. Analisando os dados obtidos na entrevista, observamos que só duas pessoas classificaram o conflito como guerra, enquanto que um número bem superior classificaram-no como invasão. As justificativas apresentadas, em síntese, foram: “[...] invasão, porque não foi respeitada a soberania do Iraque”; “[...] porque só os EUA queriam a guerra”; “[...] invasão por causa do petróleo”.

No que tange esta idéia, alguns artigos produzidos na revista VEJA apontam que: “[...] a resistência iraquiana à *invasão* do país é mais tenaz do que era esperado” (KLINTOWITZ, 2003, p. 42) “[...] especialmente para as pessoas que se sentem divididas entre o repúdio a uma *invasão* que lhes parece injustificada e ilegítima e o desenvolvimento solidário de ver o Iraque livre da crueldade hedionda do regime de Saddam Hussein” (GRYZINSKI, 2003, p. 66).

Semelhante ao que é apresentado pela *Veja*, aparece no jornal *Folha de São Paulo*: “[...]. Forças americanas acreditam que o ditador Saddam Hussein irá escalar suas melhores tropas e as mais leais para compor a resistência no amargo combate que pode vir a ocorrer nas ruas de Bagdá, no caso de *invasão* terrestre”. (SENGUPTA, 2003).

Estes exemplos confirmam a relação estabelecida entre a informação e a opinião expressa pelas pessoas. Nesse sentido, ao conceber o conflito como invasão ao Iraque, fica confirmado que os EUA têm receio de que o seu poder possa diminuir. Podemos relacionar essa situação às idéias de Arendt *apud* Souza, (1999, p. 80), ao afirmar que “[...] o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está em vias de ser perdido”. Sendo assim, a invasão se expressa a partir do estabelecimento do domínio pelo uso da violência.

Nessa arena, onde forças se movimentam para garantir “quem domina ou influencia quem e como” (SOUZA, 1995, p.79), a rede de comunicação funciona como instrumento a ser utilizado para garantir a renovação do poder.

Sendo assim, ao tempo em que a mídia reforça a situação de invasão, intensificando a produção das informações amparadas pelo uso articulado de artifícios como sons e imagens – para atrair a atenção das pessoas –, desloca o seu foco de interesse para o conflito, traz à tona a idéia de perda de poder caracterizada pela invasão. Ao mesmo tempo, constrói no imaginário coletivo a concepção de que o invasor tem poder e, portanto, empreende uma ação violenta sobre um outro território para garantir, assim, a hegemonia. Assenta-se no terreno fértil criado pelo estabelecimento de novas territorialidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que, com o processo de globalização no contexto da revolução técnico-científico-informacional, é inviável pensar o espaço local desvinculado do global e vice-versa. No entanto, ao contrário do que por vezes tenta-se veicular, o global não elimina o significado do local, até porque é nos lugares que as coisas acontecem, revelando singularidades, o que faz com que cada lugar seja ele próprio, e não outro. Nesse sentido, a articulação feita por intermédio das redes de comunicação atinge todo o planeta, porém, nem todos os lugares de igual maneira, ou todos os lugares.

Segundo Dias, as redes de telecomunicações produzem informações em intervalos de tempo cada vez mais reduzidos. Assim, vale ressaltar o papel da rede de comunicação no contexto do conflito EUA-IRAQUE, em que a veiculação de informações controladas e apropriadas pelo grupo que responde pela hegemonia mundial desempenhou um papel fundamental para a construção de uma concepção de que o invasor (EUA) detém ainda o poder. Resta saber até que ponto o poder ora exercido encontra-se realmente assegurado ou se poderá, a curto e médio prazo, serem evidenciadas demonstrações de revanche no território.

De todo modo, somos levados a concluir que as redes de comunicação serviram como instrumento para “reafirmar” o poder dos EUA, e, enquanto veiculadoras de um capital simbólico, favorecem o processo de construção de novas territorialidades.

5. REFERÊNCIAS

DIAS, Leila Chistina. Redes: emergência e organização. In: Castro, I. E. de; GOMES. P. C. da C., CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GRYZINSKI, Vilma. À espera do sorriso. Veja, 9 de abril 2003, p.66

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

KLINTOWITZ, Jaime. Rumo a Bagdá. Veja, 2 de abril 2003, p. 42.

SENGUPTA, Kim & BUNCOMBE, Andrew. Combate na capital iraquiana promete ser duro. Folha de São Paulo, 17 de março de 2003.

SOUZA, Marcelo José de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.